



■ ALBERTO JOÃO JARDIM PRESIDIU À SESSÃO DE ABERTURA DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CILEA

Oficiais de contas evitaram que descambasse mais

Alberto João Jardim disse ontem que se não fosse o trabalho dos oficiais de contas Portugal «ainda tinha descambado mais». Jardim deposita muita esperança nestes profissionais para aguentarem as PME nesta crise.



Conferência promove debate sobre os problemas que as PME enfrentam.

Alberto João Jardim disse ontem que se não fosse o trabalho dos técnicos oficiais de contas o País «ainda tinha descambado mais», porque «muitas empresas não tinham encontrado o rumo certo e não tinham sabido resistir» à crise.

O presidente do Governo Regional falava na sessão de abertura da XXII Conferência Internacional do CILEA – Comité para a Integração Latina Europa América das Ordens dos Técnicos Oficiais de Conta, que trouxe ao Funchal representantes de 18 países, para falar sobre os desafios que se apresentam às Pequenas e Médias Empresas (PME).

«Quero agradecer a opção pela Madeira, especialmente de

pois do ano muito difícil com uma série de catástrofes», começou por dizer, no arranque da cerimónia, no Centro de Congressos da Madeira.

Num discurso onde houve várias referências elogiosas ao trabalho dos técnicos oficiais de contas, nomeadamente o «contributo decisivo» que deram para a sobrevivência das empresas e para a sustentabilidade do emprego, o presidente começou por felicitar o sentido de oportunidade destes profissionais ao trazerem à reflexão os problemas que afectam as PME.

Na presença de vários estrangeiros, o chefe do Executivo madeirense falou do «fundamentalismo» em torno da redução do défice e da opção «errada» de

considerar que a economia é um instrumento das finanças.

«O que se está a fazer em Portugal, por exemplo - e por isso é que eu saúdo aqueles países que já começaram o ciclo da recuperação - é uma espécie de “pescadinha de rabo na boca”, ou seja, vai-se provocando a recessão, vai havendo mais desemprego, o Estado tem mais despesa no sector social, o Estado arrecada menos receitas fiscais e a situação vai-se agravando», disse. Para Alberto João Jardim, as PME, que representam o grosso do tecido empresarial português e madeirense, têm de sobreviver «até para defesa das liberdades democráticas».

«Eu penso que estas PME são decisivas para as liberdades, porque são a espinha dorsal de uma sociedade democrática», alegou, considerando que «aquilo que se está a fazer é absolutamente errado porque é uma política contra as PME, é uma política de aguentar os grandes especuladores financeiros e, sobretudo, é uma política de estar a sobrecarregar o povo para manter a funcionar um Estado gigantesco, que não precisa de ter a dimensão que tem e que se deve limitar apenas à intervenção naqueles sectores em que, pela natureza da sua missão social, deve estar presente». A finalizar, Alberto João Jardim disse depositar «muita esperança» nos técnicos oficiais de contas para «aguentarem» as PME. □

«Sobrecarregar as populações com sacrifícios, inviabilizar as PME só para aguentar o Estado monstro, o estado polvo, isso não pode ser aceite até por coerência com os ideais democráticos, de liberdade de escolher e de liberdade de investir», disse Jardim.